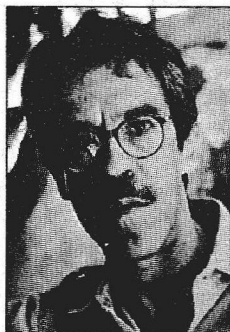
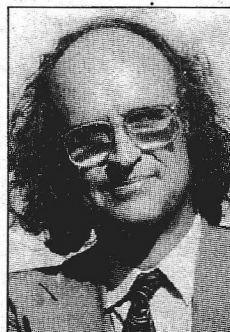


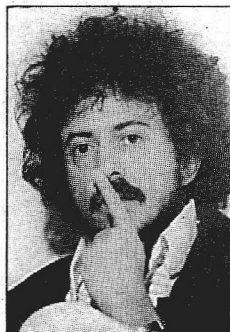
CIDADES BRASILEIRAS



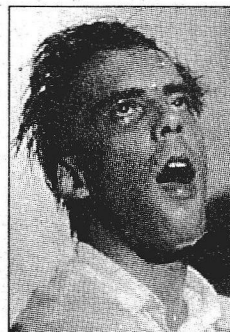
Armando Freitas Filho



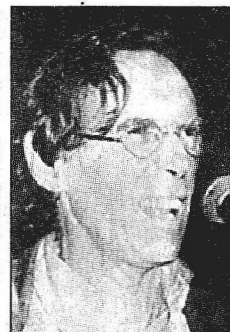
Francisco Alvim



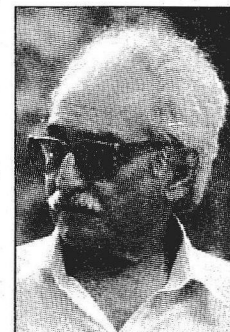
Tom Zé



Arnaldo Antunes



Antunes Filho



Manoel de Barros

“Eu sinto muita afinidade com o espaço urbano. É o território onde se move a minha poesia. Apesar de todos os problemas das cidades brasileiras, não vejo o espaço urbano como algo intrinsecamente catastrófico. A própria noção de metrópole é a de mutação permanente. O problema está no modelo de capitalismo feroz que impede a organização de serviços elementares como o sistema de transportes. O que não gosto na minha cidade, o Rio de Janeiro, é da falta de solidariedade entre as pessoas, que vai desde fatos triviais como o seu vizinho ligar o rádio muito alto até a violência do trânsito. Mas, apesar de todos os problemas, eu amo o Rio de Janeiro. A luz do Rio de Janeiro é uma força poderosa que alimenta as pessoas. A luz do Rio vem menos dos fuzis AR-15 do que do esplendor do sol.”

Armando Freitas Filho, poeta

“Eu me sinto muito desconfortável hoje em cidades como Rio e São Paulo. Existe um componente de ameaça física. Os espaços estão ficando cada vez mais hostis ao homem. Ao mesmo tempo, em cada cidade existe uma beleza. O Rio exibe as suas graças. Tem um lado deliciosamente corrompido. A beleza de São Paulo é cinza. Existe uma grande variação do cinza e do ocre. O grande acerto arquitetônico de Brasília é a linha em que ela está inserida. O céu entra em sua vida como uma cúpula. Te dá a sensação de vôo, de movimento. Apesar de todos os erros e problemas é uma cidade muito agradável para se viver. Em Brasília eu aprendi a ouvir o Brasil. A cultura carioca ou mineira é muito forte. Não tem esta abertura para ouvir o outro.”

Francisco Alvim, poeta

“O urbanismo brasileiro é extremamente feroz. Aqui em São Paulo eu sempre morei em Perdizes. Mas, agora, eu moro em outro bairro, totalmente diferente, e muito menos agradável. Existia uma proibição para se construir prédios altos, mas todo mundo construiu. Está ocorrendo a mesma coisa com todas as cidades brasileiras. Eu, Augusto de Campos e Haroldo de Campos ainda resistimos e moramos em Perdizes. Eu tive a oportunidade agora de conhecer as cidades do estrangeiro. Todas são do jeito que são desde quando foram construídas. As pessoas têm na cidade o passado imediato dos seus avós e o passado longínquo dos seus antepassados. Isto não existe nas cidades brasileiras. Eu acho que o homem é cada vez mais um estranho na cidade. São Paulo tem de vender

um milhão de carros por ano para sustentar um milhão de operários. Mas não cabe mais carro na cidade. Enquanto isto não se constroem mais estradas de ferro, que é algo que não polui. É muito estranho o urbanismo brasileiro. O futuro das cidades está sendo destruído.”

Tom Zé, compositor

“O que gosto em São Paulo é que existem muitas cidades em uma só. A cada bairro que você percorre parece que mudou de cidade. Você tem uma transformação completa de várias cidades passando por uma cidade. É uma cidade sem rosto, mas projeta um mosaico de reflexos. O que não gosto é da poluição. Está barra pesada. Quando a gente sai de São Paulo é que a degradação da qualidade do ar se torna perceptível. E outro problema grave é o da miséria que se espalha por to-

graças a isto mesmo, não sabemos mais o que é proximidade. Não sabemos o que é próximo, quem é o próximo, porque um e outro nos escapam com sua ausência. Nunca fomos tão estrangeiros em nossa cidade como agora. A cidade é, sim, o espaço do homem. Mas não podemos negar esta situação. Seria uma utopia negar a televisão e a informática. Nós temos de buscar saídas para humanizar as cidades a partir desta realidade.”

Adauto Novaes, coordenador do curso Ética, promovido pela Funarte

“Eu acho que as cidades brasileiras e as cidades de todo o mundo estão cada vez mais iguais. Se eu viajo para o estrangeiro tenho a impressão de que não saí do lugar. Cada cidade brasileira tinha o seu jeito. Pra te dizer a verdade, o que gosto mesmo é daquela cidadezinha com luz de lampião. As pessoas

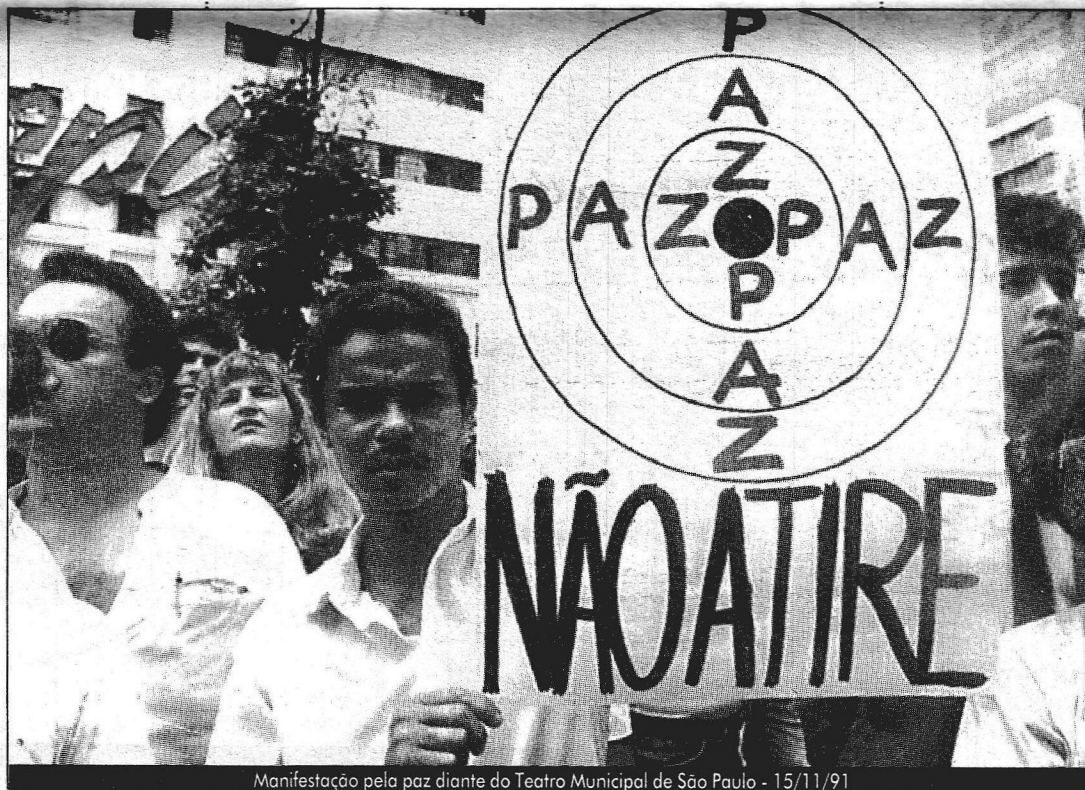
tinham vida própria. Com todos os problemas da família, havia um espaço de afeição e reflexão. Está todo mundo na praça. Eu tenho minhas dúvidas se isto serve à democracia. Todo mundo vai para a praça de maneira tiranizada. Existe uma tirania da massificação nas cidades, no trabalho, nos jornais. As pessoas não têm vontade própria. O que me move é a minha vontade própria. Eu gostava muito mais de São Paulo quando ela era uma cidade provinciana. O que se salva na cidade brasileira ainda é algo provinciano. A sua energia tem de bater nos lugares. Hoje, você não sabe se algo vai desabar em cima de você”.

Antunes Filho, diretor de teatro

Minha primeira infância, meus primeiros amores, minha primeira gosma — estão em Corumbá. A cidade está sentada sobre uma enorme pedra branca — e olha para o pantanal. Parece uma garça enorme pousada sobre a pedra. Pode até ser uma cidade pequena e pedregosa, mas tem umas velhas mansões, sujas de idade e chuvas, que me encantam. E tem suas tran-

quilas pracinhas cheias de lagoas e suas rãs entardecidas. Estou por ali até nove anos — vadio, artesão e livre. Depois fui estudar no Rio de Janeiro, por quem de amores morro. Essas duas cidades me dividem. Me lembro de Afonso Arinos. Ele dizia: “Quando estou em Paris, tenho saudade de Paracatu; e quando estou em Paracatu, tenho saudade de Paris”. E de meu lado, em paródia, eu diria: “Quando estou em Corumbá tenho saudade do Rio; e quando estou no Rio, tenho saudade de Corumbá. É isso aí.

Manoel de Barros



Manifestação pela paz diante do Teatro Municipal de São Paulo - 15/11/91

dos os cantos da cidade. Mas eu sou otimista. Eu ainda acredito no futuro da vida nos centros urbanos.”

Arnaldo Antunes, poeta e compositor

“A nossa relação com a cidade hoje é feita por simulações, ou melhor, é constituída pela apropriação imaginária de tudo o que nos cerca. Tudo é mediado pela informática, pela televisão e pelo excesso de imagens estrangeiras, estranhas. As distâncias são reduzidas no espaço e no tempo. Mas, apesar disso, ou